

2ª EDIÇÃO

REVISTA



CONVIVÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE EMOCIONAL: PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Resumo de ação-piloto do projeto
Respeitar é Preciso!




CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

2ª EDIÇÃO

REVISTA



CONVIVÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE EMOCIONAL: PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Resumo de ação-piloto do projeto
Respeitar é Preciso!



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Convivência escolar e saúde emocional [livro eletrônico] : perspectivas da educação em direitos humanos : resumo de ação-piloto do projeto Respeitar é Preciso! / Instituto Vladimir Herzog. -- 2. ed. rev. -- São Paulo : Instituto Vladimir Herzog, 2025.
PDF

ISBN 978-65-86248-11-1

1. Ambiente escolar 2. Convívio social 3. Educação
4. Educação em direitos humanos 5. Saúde emocional
I. Instituto Vladimir Herzog.

25-252485

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação em direitos humanos 370.115

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Como citar esta publicação: *Convivência escolar e saúde emocional: Perspectivas da educação em direitos humanos. São Paulo: Respeitar é Preciso!, 2024*

ÍNDICE

5

Acolhimento e saúde emocional
na perspectiva da educação
em direitos humanos

8

Contexto: Uma crise global

10

Como a ação-piloto é desenvolvida

11

O sofrimento no ambiente escolar
do ponto de vista de estudantes

15

O sofrimento no ambiente
escolar do ponto de vista
de professores/as

17

O sofrimento no ambiente escolar
do ponto de vista de
funcionários/as

19

Alguns caminhos
educacionais possíveis

**ACOLHIMENTO E
SAÚDE EMOCIONAL
NA PERSPECTIVA DA
EDUCAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS**

O que cabe à escola em relação à questão do sofrimento, sendo ela uma instituição educativa e não de saúde? Em que e como educadores/as devem atuar? Para buscar maior clareza sobre esse tema delicado, complexo e urgente, o projeto Respeitar é Preciso desenvolve desde 2022 a ação-piloto "*Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos*".

Esta publicação traz alguns resultados preliminares da primeira etapa da ação, realizada entre 2022 e 2023. Partimos da compreensão de que o sofrimento não se restringe à dimensão individual, mas que é uma produção social. Se as **causas de sofrimento são coletivas**, o ambiente escolar é um **espaço privilegiado** para seu enfrentamento, sob a perspectiva da educação em direitos humanos.

Ao longo do percurso, ficou evidente certo distanciamento entre as percepções dos diferentes atores da comunidade escolar sobre o sofrimento e suas causas. Por outro lado, todos os grupos parecem ansiar por mais acolhimento. Cabem, portanto, soluções pedagógicas para troca e escuta entre as diferentes perspectivas.

É possível vislumbrar a escola como um tempo e espaço capazes de vincular sujeitos e produzir **per-tencimento** – o que é essencial para que o processo educativo de fato ocorra. Os caminhos para isso são coletivos! Vamos percorrê-los juntos/as?

Saiba mais e acesse o relatório completo:
respeitarepreciso.org.br

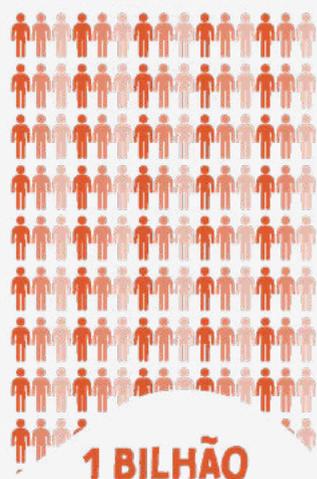
TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS POR MEIO DA EDUCAÇÃO

No processo da ação-piloto, os diversos sujeitos envolvidos passaram da ideia de que o sofrimento é individual e necessita de atendimento psicológico para a compreensão de que há fatores sociopolíticos na raiz da maioria das manifestações de sofrimento na escola. E que a instituição escolar, ao passo que muitas vezes, sem se dar conta, os reproduz, também pode atuar como **instituição educadora promovendo transformações**.

A promoção da saúde emocional na escola assume uma dimensão coletiva, pautada nas relações de convívio e que, embora respeite e valorize as subjetividades de cada pessoa, entende todos os atores da comunidade escolar como inseridos em uma teia de relações sociais, históricas e culturais complexas, a qual exige um olhar e uma disposição para o coletivo.

CONTEXTO: UMA CRISE GLOBAL

As questões emocionais que envolvem a saúde mental têm se configurado como um problema iminente no mundo atual. No dia a dia das escolas, há a percepção de crescimento de casos de depressão, ansiedade, automutilação, ideação suicida e demais transtornos mentais. Isso interpela famílias, educadores/as, profissionais de saúde, governos e sociedade civil acerca de medidas de enfrentamento da questão.



de pessoas no mundo
vivem com algum tipo
de transtorno mental

280 MILHÕES
de pessoas no mundo
sofrem de depressão
=
5%
da população
mundial



foi a taxa de crescimento
de pessoas com
transtornos mentais como
depressão e ansiedade no
1º ano da pandemia, 2020,
em todo o mundo

(OMS, 2022)



2 EM CADA 3 ESTUDANTES que participaram de mapeamento em São Paulo relataram sintomas de depressão e ansiedade



18,1% relataram perder totalmente o sono por conta das preocupações



18,8% disseram se sentir totalmente esgotados e sob pressão



13,6% afirmaram a perda de confiança em si

Mapeamento do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) 2021, realizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e Instituto Ayrton Senna, com 642 mil estudantes do 5º e 9º anos do EF e 3º ano do EM

21,5% DE EDUCADORES/AS entrevistados/as consideravam sua saúde mental **"muito ruim"** ou **"ruim"** em 2022

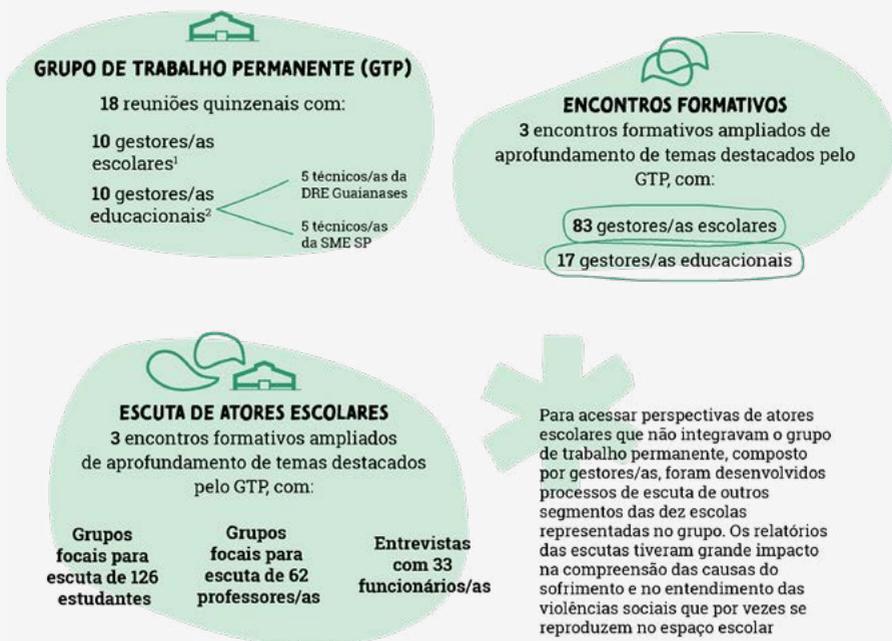


Pesquisa Saúde Mental dos Educadores 2022, realizada pela Nova Escola e Instituto Ame a Sua Mente, com 5 mil profissionais da educação, dos quais 84,6% professores/as e gestores/as da rede pública de ensino

COMO A AÇÃO-PILOTO É DESENVOLVIDA

A ação “Acolhimento e Saúde Emocional na perspectiva da Educação em Direitos Humanos” é desenvolvida como uma pesquisa-ação junto a atores da Rede Municipal de Educação, no âmbito do projeto **Respeitar é Preciso!**, uma parceria entre Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação. Atualmente, está em expansão para toda a rede até 2025. A primeira fase, descrita nesta publicação, aconteceu de 2022 a 2023 na Diretoria Regional de Educação de Guaianases, apresentando conclusões preliminares significativas.

ESTRATÉGIAS 1º FASE (2022-2023)



modo. As experiências positivas, em geral, foram relacionadas aos espaços da quadra, da sala de leitura e a algumas relações do ambiente escolar.

PERCEPÇÃO DE FALTA DE ESCUTA

Uma sensação de falta de escuta foi destacada como negativa por estudantes, que relataram não compreender o encaminhamento de suas demandas em determinadas situações de sofrimento e desrespeito. Dizem que, se acionam mães, muitas vezes são consideradas “barraqueiras” ou “violentas” ao reivindicar direitos.



AFETO E RESPEITO EM RELAÇÃO ÀS “TIAS”

Estudantes demonstraram ter relação de afeto e respeito com funcionários/as da limpeza, a quem chamam de “tios/as”, ao mencionarem de forma espontânea pessoas que merecem ser bem tratadas no ambiente escolar, uma vez que “tem gente que não trata bem”.



VIOLÊNCIAS REPRODUZIDAS NO COTIDIANO

Na atividade com os/as estudantes, a escola apareceu como local que (re)produz violências sociais que causam sofrimento, associadas pelos grupos a casos de ansiedade e depressão. Racismo, sexismo, machismo, LGBTQIA+fobia, classismo são práticas relatadas como cotidianas em falas como:

“Já chamaram ele de macaco”; “Não gosto quando fazem piada ou pegam no meu cabelo”.

“Pra gente [meninas] tem um padrão, para eles [meninos] não”;

“Não podemos andar de mão dada no pátio, mas casais heterossexuais podem”

“A professora disse que todo mundo era vagabundo sem futuro”; “A professora chamou todo mundo de pobre”.

AGENTES DE SEGURANÇA

Um aspecto relativo às percepções de violência por parte dos/as alunos/as é a presença de agentes de segurança nos espaços escolares, ainda que não ocorram ações truculentas. Um estudante, aliás, sentenciou: *“Nossa escola tá cada dia mais parecida com uma prisão”*.

SENTIMENTO DE INADEQUAÇÃO

Os termos “pressão” e “julgamento” foram frequentemente utilizados por estudantes de diferentes escolas. Os relatos explicitam que um cotidiano escolar marcado pela enunciação de juízos constantes produz questionamentos por parte dos/as estudantes acerca de suas capacidades: *“Minha cabeça me fala todo dia que eu sou burro, que não sirvo pra nada”*.



O SOFRIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR DO PUNTO DE VISTA DE PROFESSORES/AS

Resultados de escuta realizada pela ação “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”

TIPO DE ESCUTA: Grupos focais

AMOSTRA: Grupos de 6 a 7 professores/as, totalizando 62 professores/as

O objetivo das escutas foi entender como professoras/es percebem a questão do sofrimento emocional na sua atuação profissional e no ambiente escolar. Na percepção destes/as profissionais, as causas e fatores que produzem sofrimento são: a carga de trabalho; os conflitos entre docentes e discentes, entre docentes e famílias e entre famílias e funcionários/as; a falta de apoio psicológico e ausência de protocolo específico na volta do período de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19.

SENTIMENTOS DE IMPOTÊNCIA E FRUSTRAÇÃO

Chama atenção o quanto o sofrimento de estudantes parece constituir fator de sofrimento também para professores/as. Muitos citaram o sofrimento dos/as estudantes para explicar seu próprio sofrimento e dificuldades. Há professores/as que dizem sofrer por verem alunos/as em situação de vulnerabilidade social ou vitimados/as por descuido da família; que não aprendem o conteúdo ensinado; que se automutilam; que demonstram apatia ou descontrole emocional.

Vários/as docentes entendem que se formaram em uma especialidade e estão na escola para ensinar conteúdos de um determinado componente curricular, por isso sofrem, já que não conseguem desenvolver o que aprenderam no ensino superior: *“Diante das demandas, a gente não dá conta de chegar na aprendizagem, porque é tanta coisa para resolver... [...] Quando vejo os alunos doentes, me sinto impotente. Sinto*

que passo 90% do tempo mediando conflitos externos, e não o conhecimento”.

INVISIBILIDADE

Docentes relataram sensação constante de cansaço, esgotamento e de estar à beira do adoecimento. O afastamento das funções foi comumente citado como decorrência do sofrimento: *“Não há preocupação com o professor como pessoa, o que há é a exigência de que sempre esteja bem, parece que não somos importantes”*.

DESAFIOS NAS RELAÇÕES FAMÍLIA X ESCOLA

As famílias dos/as estudantes aparecem nos discursos dos/as professores/as como outro agente causador de sofrimento, por terem, segundo relatos, comportamentos agressivos com os/as profissionais que atuam na escola. É curioso confrontar essa percepção com a dos/as estudantes, sobre a necessidade que veem em acionar as mães, tidas como “barraqueiras”, para que suas reivindicações sejam escutadas pela escola.

O SOFRIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR DO PONTO DE VISTA DE **FUNCIONÁRIOS/AS**

Resultados de escuta realizada pela ação “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”

TIPO DE ESCUTA: Entrevistas individuais

AMOSTRA: 33 funcionários/as das equipes de apoio de 10 escolas

Um ponto de atenção importante da escuta desses atores foi a não percepção do próprio sofrimento no ambiente. A maioria dos/as entrevistados/as teve dificuldade em nomear situações violentas e de sofrimento narradas por eles/as como expressões de violência e causas de sofrimento no ambiente escolar. O discurso esteve, quase sempre, atrelado ao agradecimento por estarem empregados/as, sobretudo em um contexto de poucas oportunidades de emprego formal.

ESTRESSE E SOBRECARGA

Ao longo das conversas, as respostas foram demonstrando que existem questões e conflitos presentes no ambiente escolar. A sobrecarga de trabalho apareceu como um fator de estresse significativo em falas como: *“Deus vai na frente, mas que vai ser B.O., vai. Tenho de ser tudo, porque estou na secretaria, as pessoas passam para desabafar”*; *“Não quero ir trabalhar, está cansativo, desgastante, sinto-me perdida, tenho depressão e faço uso de remédio”*;

RELAÇÕES DESIGUAIS

Diversos/as funcionários/as das equipes de apoio destacaram a falta de suporte pedagógico e formação continuada para o desempenho de suas atividades, assim como enfatizaram o quanto não se sentem acolhidos/as nos espaços ocupados pelo quadro do magistério, como as reuniões de planejamento e avaliação.

VISÃO AMPLA PARA O AMBIENTE ESCOLAR

Ao mesmo tempo em que se recusou a usar o termo sofrimento para conotar as experiências vividas no ambiente da escola, o grupo foi o único que fez um exercício de olhar para além de seus próprios sofrimentos, identificando incômodos e insatisfações de outros atores escolares, em falas como essa: *“Os alunos são carentes. Se mostramos carinho, nos abraçam. Falta diálogo com os funcionários, tentar se reunir para saber o que está acontecendo. Os professores sofrem, pois não conseguem dar aula. [...] Os professores que gostam de trabalhar sofrem mais”*.

ALGUNS CAMINHOS EDUCACIONAIS POSSÍVEIS

A primeira etapa da ação *“Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”* demonstrou que a atuação da escola em relação à produção social do sofrimento de seus/as integrantes, sendo uma instituição social, educativa e de caráter coletivo, precisa ser pautada pelas atitudes de atenção, escuta, acolhimento e cuidado de modo coletivo, institucionalizado e sistemático, para que se tornem parte integrante da vida escolar de todos os atores que compartilham esse espaço.

Se o sofrimento emocional que emerge dos sujeitos possui causas coletivas, seu enfrentamento deve ser feito também no âmbito social e político. Ora, a escola é um lugar privilegiado para isso, sob a perspectiva da educação em direitos humanos! Com a realização da pesquisa-ação, foi possível identificar desafios presentes e algumas hipóteses de caminhos para superá-los.

*** ESCOLA COMO ARQUIPÉLAGO: COMO APROXIMAR OS GRUPOS?**

A partir do exercício de escutas, percebe-se que há um distanciamento entre as percepções de cada segmento escolar sobre o sofrimento e suas causas. Por outro lado, todos os grupos anseiam por mais acolhimento. Cabem, portanto, soluções pedagógicas para maior troca e escuta entre as diferentes perspectivas.

*** PENSAR A ESCOLA COMO ESPAÇO COLETIVO**

As relações de convívio escolar podem ser construídas de modo a reforçar laços de confiança, vínculos e acolhimento, fortalecendo uma cultura de respeito mútuo. Neste sentido, a busca por saídas individuais pode se colocar como obstáculo. Trata-se de um projeto de escola a ser debatido e compartilhado entre todos/as!

*** CORTAR CICLO VICIOSO ENTRE VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO E CONFLITO**

Para atuar educacionalmente na questão do sofrimento, é preciso atentar a uma dinâmica evidente na escuta de estudantes e relacionada a violências no ambiente escolar: *“Às vezes sou explosivo pra me defender porque, quando me xingam de viadinho, é como se eu recebesse uma facada no peito”*.

*** ESTUDAR COLETIVAMENTE OS CONFLITOS**

É importante que as questões relacionadas aos conflitos do cotidiano escolar sejam estudadas e debatidas coletivamente de maneira permanente. Numa cultura escolar de mediação de conflitos, sob a perspectiva da EDH, o conflito é visto como possibilidade de aprofundamento sobre as relações do contexto escolar, compreendendo conexões com opressões sociais.

*** APROFUNDAMENTO SOBRE PRODUÇÃO SOCIAL DO SOFRIMENTO**

As escutas de docentes mostram como certa sensação de impotência em relação ao sofrimento de estudantes agrava o sofrimento deste grupo. Seria importante que trabalhos formativos sobre essa questão ampliassem a visão na qual se atribuem somente causas externas ao mal-estar discente. O trabalho pedagógico na escola pode contribuir.

*** PROMOÇÃO DE REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE DISCRIMINAÇÕES**

Nas escutas, marcadores sociais relacionados à raça, gênero e sexualidade são citados como ligados à produção de sofrimento. Para uma ação efetiva, buscando a mudança, é preciso que a escola desenvolva um trabalho educativo. Ou seja, promova reflexão crítica sobre as discriminações, fortalecendo uma cultura de respeito mútuo, equidade e dignidade.

*** ACOLHIMENTO NOS PROCESSOS DE ENSINO**

É possível conjecturar que o comprometimento na promoção de um ambiente escolar sem violências, inclusive nos processos de ensino, pode favorecer a redução do fracasso escolar, que também causa sofrimento a estudantes e a educadores/as.

*** FAZER AÇÕES “COM” A COMUNIDADE ESCOLAR**

No processo da ação piloto, gestores que integraram o grupo de trabalho observaram que suas ações podem não ter o efeito desejado se não encaminhadas em parceria com estudantes, reconhecendo sua autonomia para atuar como sujeitos. Chamaram isso de “fazer com” ao invés de “fazer para” a comunidade.



A experiência de um convívio pautado pelos princípios dos Direitos Humanos propicia a legitimação de valores que, uma vez adotados, passam a orientar o posicionamento diante de problemas como a LGBTfobia, a discriminação étnico-racial, de gênero e em relação às pessoas com deficiência, a violência e o ódio social. Do mesmo modo, o estabelecimento de relações pautadas pelo respeito mútuo contribui para o afastamento da violência na vida dentro e fora das escolas. Essa é a finalidade da educação em direitos humanos.

CADERNO RESPEITO NA ESCOLA
(INSTITUTO VLADIMIR HERZOG, 2020)

**Saiba mais e acesse outros conteúdos:
respeitarepreciso.org.br**



PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes
Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica de Educação

Bruno Lopes Correia

Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

Chefe da Assessoria de Articulação das Diretorias Regionais de Educação – DRE

COORDENADORIA DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS - COCEU

Aparecido Suter da Silva Júnior
Coordenador

DIVISÃO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA E PROGRAMAS INTERSECRETARIAIS - DIGP

Rogério Gonçalves da Silva
Diretor

EQUIPE DIGP

Cleuber Gonçalves

Carlos Alberto Mendes de Lima

Daniela Agostinho

Érika de Araújo Prudente

Gláucia Cristine Silva Burckler

Maurício Lui

Rômulo Araújo Fernandes

Taize Grotto de Oliveira



INSTITUTO VLADIMIR HERZOG

Ivo Herzog

Presidente do Conselho

Rogério Sottili

Diretor Executivo

Erica Sebastiana

Secretária da Diretoria

Clarice Herzog

Presidente Honorária

COLABORADORES/AS IVH

Anna Clara Pereira Soares

Beatriz Monteiro

Dyego Pegoraro

Érica Sebastiana

Gabriela Teixeira

Giuliano Galli

Iamara Lopes

Isabella Martins

Lorrane Rodrigues

Lucas Barbosa

Luisa Souza

Maria Cristina Berger

Mayara de Lara

Pedro Oliveira

Rafael Schincariol

Sâmia Gabriela Teixeira

Sidneia Neris de Souza

Tatiana Rocha

Thayná Andrade

Valquíria Ferreira

Vanessa Pechiaia

ÁREA DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Hamilton Harley

Coordenador Executivo

EQUIPE EDH

Crislei Custódio

Geovana Cunha

Luiza Souto

Natália Pesciotta

Neide Nogueira

Renata Aquino

Shayenne Ferreira

RESPEITAR É PRECISO!

Ana Carolina Oliveira

Ane Rocha

Carolina Vieira

Claudia Soares

Leticia Teruel

Jenny De La Rosa

Luara Carvalho

Marcel Couto

Mariana Marques

Raquel Quintino

RESPEITAR É PRECISO!

Este é um projeto desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de São Paulo pela parceria entre Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação para fortalecer a cultura de educação em direitos humanos na educação básica, buscando contribuir com o enfrentamento a diferentes tipos de violências no convívio escolar. Desenvolve-se por meio de ações formativas com profissionais da educação, a partir de metodologia própria e apoio do material pedagógico Cadernos Respeitar!.

Saiba mais e acesse outros conteúdos:
respeitarepreciso.org.br

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Em consonância com o ao Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), entende-se a educação em direitos humanos (EDH) como uma educação em valores: aquela que se dá de forma transversal, a partir das vivências no ambiente escolar. Trata-se de fazer do convívio e dos processos de ensino e aprendizagem ocasiões para vivenciar os valores que sustentam os princípios dos direitos humanos, como dignidade, justiça, liberdade, igualdade e equidade. Para isso, o respeito mútuo é pressuposto e condição essencial.



